

PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA: UMA VIA DE FORMAÇÃO DO PESQUISADOR

**LAURINDA RAMALHO ALMEIDA
ABIGAIL ALVARENGA MAHONEY
MELANIA MOROZ**

Professoras do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia
da Educação — PUC-SP

**PAULA SUZANA GIOIA
SYLVIA HELENA S. SILVA**

Doutorandas em Psicologia da Educação — PUC-SP

O texto descreve experiência realizada em Projeto de Pesquisa no contexto da reforma curricular no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP e destaca a importância da participação nos referidos projetos como um caminho para a formação do pesquisador.

Ao se falar em formação de pesquisadores, como um objetivo a ser atingido, faz-se, necessariamente, referência à Universidade. Não porque formar pesquisadores devesse ser de competência única e exclusiva dessa instituição, mas porque, em nosso país, efetivamente à universidade, e mais especificamente à pós-graduação *stricto sensu*, tem sido atribuída esta função. E, de fato, pelo menos do ponto de vista legal, identifica-se no Parecer 977/65 o objetivo de formar pesquisadores como atribuição da pós-graduação.

Talvez uma das fortes razões de não se responsabilizar a graduação em relação à consecução do objetivo de formar pesquisadores se deva ao fato de ela ser uma instância caracteristicamente profissionalizante, aspecto, aliás, historicamente identificado já nas origens da universidade medieval. Não se está

afirmando, aqui, que profissionalizar não faça parte dos objetivos da graduação; o que se pretende é ressaltar que o desenvolvimento do ensino profissionalizante, tal como vem ocorrendo, implica a exclusão da formação do pesquisador, fato que revela uma das faces da tão discutida dissociação ensino-pesquisa.

O reconhecimento de que a graduação não tem papel ativo na preparação do pesquisador torna a pós-graduação um alvo mais vulnerável e, realmente, na literatura muito se tem questionado sobre sua eficiência, havendo consenso, entre autores, quanto à afirmação de que o objetivo de formação do pesquisador não tem sido cumprido a contento (Luna, 1983; Gatti, 1987; Grzybowski, 1987; Warde, 1990 e 1992; Campos, Fávero, 1994; Gioia, 1996, entre outros).

Gatti (1987), ao analisar a formação de pesquisadores, salienta que a estrutura do mestrado não possibilita o contato efetivo com a pesquisa, requisito necessário para se aprender a pesquisar. Conforme salientado pela autora, "...pode-se ler o melhor texto, pode-se ler bons relatórios de pesquisa, *mas só se aprende a pesquisar, pesquisando*" (p.32, grifos nossos); Campos e Fávero (1994), destacando que a formação de pesquisadores caracteriza-se mais como subproduto da formação docente, chamam atenção para o fato de que a pós-graduação deveria incorporar a pesquisa em sua estrutura de funcionamento, de modo a facilitar a formação de novos quadros de pesquisadores.

Em outras palavras, a literatura aponta que a formação do pesquisador, um dos objetivos da pós-graduação, não se tem processado de uma forma adequada, já que a estrutura curricular é basicamente formada por disciplinas, não havendo o necessário espaço para a realização de pesquisas.

Ciente destas análises, o Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP realizou reformulação curricular em 1992, inserindo como uma das atividades da formação discente a participação em pesquisas, os chamados projetos de pesquisa, realizados institucionalmente e sob coordenação de um ou mais professores.

OS PROJETOS DE PESQUISA NA NOVA ESTRUTURA CURRICULAR

O interesse em investigar o tema surgiu durante a realização de um trabalho que tinha por meta avaliar a mudança curricular introduzida no Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da PUC-SP.

A reformulação da estrutura curricular do Programa ocorreu após um processo de reflexão que justifica o direcionamento que se quis imprimir ao curso, bem como sua concretização em termos curriculares. Fica claro, no Projeto

de Reformulação (s/d), que a formação do pesquisador é um dos objetivos centrais da nova sistemática e que esta deve ser desenvolvida desde o início:

O presente projeto tem como foco central a inserção do aluno na produção do conhecimento científico, através de uma participação ativa em projetos ou atividades de pesquisa desde o início do curso.

A nova sistemática, concretizando as reflexões feitas, envolve um conjunto de atividades — Disciplinas Básicas, Disciplinas Optativas, Atividades junto a Núcleos Temáticos ou junto a Projetos de Pesquisa —, além de estabelecer a aprovação do anteprojeto de dissertação como critério que permite ao aluno passar ao 2º ciclo do curso.

Esta nova estrutura foi objeto de avaliação, num trabalho de pesquisa anterior (Mahoney et al., 1995); ao se entrar em contato com os dados coletados, no processo de análise e interpretação dos mesmos, vislumbrou-se uma fecunda possibilidade de aprofundar os significados possíveis de um dos traços inovadores do novo currículo: o projeto de pesquisa.

A proposta de existência de projetos de pesquisa, aos quais o aluno pudesse se vincular, não se deu de maneira fortuita, mas traduziu uma dada compreensão do Programa perante a denúncia, recorrente em literatura, da fragilidade teórica e metodológica da formação do pesquisador.

A despeito do crescimento e consolidação dos cursos de mestrado *stricto sensu* nas últimas décadas, a pesquisa parece ainda estar à margem de todo o processo educativo e, mais, talvez não se tenha conseguido concretizar, efetivamente, uma proposta de formar pesquisadores.

Em que medida participar de um Projeto de Pesquisa contribui para formar pesquisadores? O que distingue um Projeto de Pesquisa como instância de formação do pesquisador, de outras modalidades oferecidas durante o mestrado? Quais seriam as características de um Projeto de Pesquisa como espaço de formação do pesquisador? Estes são os questionamentos que norteiam esta investigação, cujo objetivo é conhecer a avaliação do participante de projetos de pesquisa sobre a contribuição desta atividade curricular na sua formação como pesquisador.

MÉTODO

Foram utilizados, fundamentalmente, para a obtenção dos dados, documentos e entrevista coletiva. A entrevista coletiva é um instrumento bastante rico por possibilitar o diálogo entre pares. A pedido dos coordenadores dos projetos de pesquisa, considerou-se também registros de avaliações anteriormente realizadas como fonte relevante, pois constatou-se que tornariam mais diversificados os dados coletados.

Documentos: foram utilizados registros de avaliações, individuais e em grupo, feitas pelos participantes dos projetos de pesquisa desenvolvidos no biênio 1993-1994. As avaliações individuais disponíveis eram de dois alunos, sendo um doutorando e outro graduando. Ainda, utilizou-se uma avaliação em grupo, da qual participaram dois mestrandos e um doutorando.

Entrevista coletiva: foi realizada pelas autoras deste trabalho com um grupo de cinco mestrandos e um doutorando.

Participaram como sujeitos dez pós-graduandos, sendo sete mestrandos e três doutorandos, e um graduando que participava como bolsista de iniciação científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participar de pesquisas: momento de exercício do pesquisar

Um dos pontos evidenciados no discurso dos sujeitos refere-se à importância que atribuem à participação em pesquisas como forma de aprender a pesquisar.

A maior parte dos alunos dos projetos de pesquisa é constituída por mestrandos que desenvolvem uma pesquisa pela primeira vez. A razão é que esta atividade mostra-se ausente nos cursos de graduação e é vista somente com “algumas pinceladas” até mesmo nos cursos de especialização, sendo, portanto, a inserção no projeto o primeiro contato sistemático com a pesquisa.

Essa é, de fato, a minha primeira pesquisa, porque como a gente vem, a graduação é muito falha e não temos envolvimento em pesquisa. (Aluna D — mestranda)

Uma das alunas, já em fase de elaboração de sua dissertação, ao afirmar que está tendo a oportunidade de “exercitar o fazer pesquisa”, evidencia o quanto o pesquisar está distante do aluno que procura o mestrado.

(...) a participação no projeto foi no momento oportuno em relação à minha dissertação, porque estou tendo a chance de exercitar o fazer pesquisa e é muito interessante perceber que a gente lida com a prática. (Aluna D — mestranda)

Salientando que a participação no projeto permite vivenciar passos pelos quais passam um pesquisador, um dos sujeitos, de forma simples, coloca de forma clara as facetas do processo de elaboração de conhecimento: produzir conhecimento é uma atividade prazerosa; mas, ao mesmo tempo, é uma atividade que em determinados momentos aflige o pesquisador, porque envolve muito trabalho.

(...) pude experienciar (sic) todos os passos que vive um pesquisador como: a sede de querer mais, a fim de desvendar todo o mistério como se fosse um jogo; a delícia de sentir quando se está chegando próximo a um “resultado”; a angústia de sentir o quanto

ainda está distante e o quanto vai ser trabalhoso para se chegar à conclusão do trabalho. (Aluna A — graduanda)

Gatti (1987), quando se refere ao pesquisar, pesquisando, afirma que o aluno deve aprender, entre outras coisas, “a ter paciência e a trabalhar muito”. Isto não significa, no entanto, que não exista prazer na atividade: ao contrário, como fica claro no depoimento a seguir, foi possível realizar a produção de conhecimento de forma agradável.

E esta experiência foi sempre muito prazerosa, muito gostosa. Então é possível produzir conhecimento, trabalhar junto e fazer isto com prazer. O desenvolvimento da afetividade, a construção em grupo, tudo isso eu vivi aqui e gostei muito da participação deste grupo; para mim foi muito importante. (Aluna D — mestranda)

De acordo com os sujeitos, fazer pesquisa permitiu ampliar a investigação de um dado objeto de estudo, pois diferentes facetas puderam ser abordadas. Além disso, sob o apoio do grupo de pesquisa, propiciou a reflexão sobre a própria dissertação individual, levando ao redimensionamento do problema a ser investigado.

E aí mudei até o caminho de minha dissertação, deixando de fazer um trabalho isolado, mas retirando do próprio projeto a minha dissertação. (Aluna I — mestranda)

Realizar pesquisa, segundo os sujeitos, é importante porque possibilita não só a concretização de discussões que são realizadas nas disciplinas,

O projeto viria complementar uma atividade teórica; seria uma oportunidade de aplicar os conhecimentos obtidos numa situação específica. Então, ocorre um acompanhamento perfeito; por exemplo, aquilo que aprendemos em Seminários de Pesquisa e em outras disciplinas vieram à tona agora, no projeto. É uma dinâmica em que se pode aplicar conhecimentos teóricos obtidos durante o curso. (Aluna J — mestranda)

como também o surgimento do sentimento de segurança de quem tem o professor como um pesquisador.

Antes nós tínhamos várias disciplinas e nem sabíamos da existência de projetos, não sabíamos o que os professores faziam. É muito bom sentir que nossos professores produzem, pesquisam; isto te dá a maior segurança. Você percebe que os teus professores não param, mesmo vindo para a pós, e isto te faz encontrar parceiros. (Aluna C — doutoranda)

Comparando a utilização de manuais de pesquisa e a participação em pesquisas, como estratégias de ensino, um dos sujeitos diferencia ambas as situações, pontuando que os manuais são insuficientes para ensinar a pesquisar:

Entendo, agora, mais do que antes, da impossibilidade de se aprender a pesquisar sem efetivamente pesquisar. Os manuais de metodologia científica indicam os passos, discutem os pressupostos, expõem implicações teóricas e práticas, mas tudo isso é insuficiente para a execução de uma pesquisa. (Aluna B — doutoranda)

Embora não se descarte o fato de que seja possível aprender ouvindo o que os outros falam, há indicações de que o pesquisar é um evento comportamental

cujo ensino exige mais do que “o falar a respeito de”. Como afirma Gatti (1987), ao fazer analogia entre o nadar e o pesquisar, “como ninguém aprende a nadar lendo um manual, ninguém aprende a fazer pesquisa lendo um manual de pesquisa” (p.32). Participar de pesquisas, todavia, não garante por si só a aprendizagem; outra condição se faz necessária: o trabalho coletivo sob coordenação de um docente que seja pesquisador experiente.

Trabalho em grupo: fator essencial

Ao fazer referência à participação nos projetos de pesquisa, o trabalho em grupo ganha um tom fundamental: a alusão à atuação coletiva é enfatizada sistematicamente pelos alunos.

Ao falarem sobre o trabalho coletivo, os participantes deixam claro que a tomada de decisões em conjunto e a inclusão das sugestões debatidas são aspectos essenciais para a constituição do grupo; também evidenciam, nos depoimentos, que a troca permanente e a construção coletiva do produto estão presentes.

A idéia de grupo que traz o projeto é excelente. A troca é fundamental e, no fim, nós assumimos o projeto como nosso e o nosso trabalho [a dissertação] faz parte do grupo e o grupo faz parte do nosso projeto. É uma troca gostosa que tira dúvidas, que ajuda. E o importante é que, sem especialidade, cada um que sabe um pouquinho vai ajudando o outro. (Aluna F — mestranda)

A atividade em grupo é considerada fonte de estímulo para a execução do trabalho, a ponto de ser realizada mesmo quando o aluno já cumpriu todos os créditos necessários. Além de possibilitar a diversidade na observação do objeto de estudo, permite a superação da solidão a que fica entregue o aluno durante o processo de elaboração de dissertação ou tese.

Esta experiência é enriquecida pelo olhar de ângulos diferentes e de referências distintas. Não se trata apenas de pontos de vista distintos; trata-se de ver um mesmo objeto de lugares diversos. (Aluna B — doutoranda)

[...]

Estou voltando e meio surpresa com a mudança do programa; agradavelmente surpresa. Esta idéia [de reestruturação do programa] vale a pena investir nela, porque quebra aquilo que senti muito no mestrado que é a solidão. (Aluna L — doutoranda)

O trabalho em grupo, de acordo com as depoentes, não foi resultado fortuito, mas teve interferência das professoras que coordenaram o projeto, criando as condições para a participação efetiva nas atividades necessárias à realização da pesquisa.

(...) com sua constante presença [a da professora] e aos poucos, com atitude de quem confia, fomos realizando tarefas e tocando os trabalhos pra frente. Isto foi fundamental

para alcançarmos autoconfiança, segurança e coragem no enfrentamento da pesquisa empírica, visando à coleta dos dados. (Aluna B — doutoranda)

Se por um lado há o destaque ao papel dos coordenadores, dando-se ênfase à abertura de espaço para a verbalização dos alunos e para a realização efetiva de tarefas, por outro lado é realçado o fato de que a relação professor-aluno ocorre num plano de maior simetria e proximidade.

Uma outra coisa que me chama a atenção é o nosso relacionamento de grupo. Acho que tanto A, como B e C [as professoras] se colocaram aqui numa posição de igual para igual e isso chama a atenção, porque na sala de aula há sempre uma distância. E aqui não, todos nós estamos juntos na mesma atividade. (Aluna D — mestrand)

Finalmente, coloca-se em foco o próprio processo de produção de conhecimento; ao refletir sobre o pesquisar, os depoentes salientam que o processo de produção de conhecimento deveria ter, como característica inerente de seu exercício, a atividade coletiva. Para uma das alunas, passa-se a ter uma nova concepção sobre o fazer ciência.

Não é o meu projeto de tese [Projeto II], mas este projeto me faz pensar a pesquisa e esta é a grande função do projeto: fazer pensar a pesquisa. (Aluna C — doutoranda)

[...]

É uma mudança na concepção de ciência, não se acredita mais na fragmentação (...) Tem mesmo que priorizar a troca, o encontro, a produção coletiva... (Aluna L — doutoranda)

Do exposto até o momento pode-se afirmar que, apesar do limitado repertório dos alunos ingressantes no mestrado, no que diz respeito à pesquisa, a participação em um projeto de pesquisa permite a aprendizagem de diferentes aspectos do pesquisar.

No discurso dos sujeitos apresenta-se a ênfase à possibilidade da atuação prática, à reflexão sobre a pesquisa e à presença de diferentes pontos de vista. Vale ressaltar que os doutorandos, que já passaram pelo processo de elaboração de dissertação, fizeram diferença entre a primeira experiência e a que tiveram nos projetos, aludindo a um aspecto que parece ser fundamental nestes últimos: o trabalho em grupo.

Luna (1983), ao fazer referência aos fatores que alimentam a elaboração de uma dissertação ou tese, assinala que a presença de uma parceria para discussões é essencial e, para o autor, condição que poderia ser mantida institucionalmente. De fato, os depoimentos dos alunos que participam dos projetos de pesquisa corroboram a idéia de que a existência da parceria é fator de auxílio no desenvolvimento das atividades. Isto porque garante eliminar indecisões, ampliar conhecimentos e encaminhar questões. Assim, é preciso considerar a parceria como uma característica definidora dos projetos de pesquisa como situação de ensino.

Nos depoimentos, chama-nos atenção o fato de ter sido destacada a relação de maior proximidade com o docente. Isto pode ser um indicador de que, embora mantendo a competência específica de professor, ele não é o único a tomar as decisões ou, mesmo, a dar a direção ao trabalho desenvolvido. Com isso, criam-se condições para que o aluno participe mais intensamente das atividades e num patamar próximo ao dos professores.

Um outro aspecto refere-se à ênfase dada pelos participantes ao aprofundamento teórico ocorrido nos projetos de pesquisa; isto evidencia que o fazer pesquisa não prescinde do estudo teórico, usualmente atribuído às disciplinas. Grzybowski (1987) introduz a discussão ao tema “pesquisar, pesquisando” na afirmativa de que ao ensino é atribuída a função de teorizar, inclusive teorizar como se pesquisa, ao passo que a pesquisa deveria ser vista como “a prática de teorizar sobre a prática social”.

(...) pesquisar educação é teorizar sobre as práticas educacionais de nossa sociedade. Por teorizar entendo a produção científica por excelência, processo de criação de categorias analíticas, abstração a partir do real, da prática, e reprodução deste real ou desta prática, com uso destas categorias, como real pensado, como produto do pensamento. (p.36)

Tendo como foco a pós-graduação em educação, o autor afirma que um dos seus desafios é “romper com a prática que subordina a pesquisa ao ensino”, de modo a transformá-la “em centros formadores porque teorizam, pesquisando sobre as heterogêneas e contraditórias práticas educativas da sociedade brasileira” (p.36). Mesmo que não se possa concluir, a partir dos depoimentos apresentados, que este rompimento já tenha ocorrido ao se propor o desenvolvimento de projetos de pesquisa no Programa, pode-se afirmar que há indicadores de que passos estão sendo dados em direção a este caminho.

Em suma, tendo-se como referência a voz dos alunos dos projetos de pesquisa, pode-se afirmar que a participação em pesquisas é via de formação do pesquisador. Isto porque o exercício prático é evento comportamental cujo aprendizado não pode ser plenamente adquirido pelo “falar a respeito de”, mas necessariamente envolve “atuar com”. Permitindo o exercício prático, o aluno concretiza discussões realizadas nas disciplinas, adquirindo maior segurança, e percebe que pesquisar é um processo trabalhoso, porém envolvente e prazeroso.

Outro aspecto a ser destacado refere-se à qualidade da participação do aluno. No projeto pesquisa o trabalho desenvolvido coletivamente permite tomada de decisões em todas as etapas do processo de construção do conhecimento, superando a solidão do trabalho individual com: troca permanente — teórica ou de experiências; reflexão sobre a produção de conhecimento, retomando o rumo da dissertação; percepção de diversidade de posições, superando fragmentações.

Na realização de pesquisas ocorre, ainda, uma relação de maior proximidade e simetria entre alunos e professores, tornando o aluno mais ativo e autônomo

na tomada de decisões e na realização das tarefas necessárias, o que corrobora a afirmação de que a pesquisa institucionalizada na pós-graduação indica ser um caminho promissor, merecendo implementação e constante avaliação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZZI, R. G. *Pesquisa em educação e psicologia: identificação de condições que favorecem sua ocorrência na universidade*. São Paulo, 1993. Tese (dout.) Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação.
- BRASIL. Leis e Decretos. In: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Rio de Janeiro: Associação de Educação Católica do Brasil, 1968. Parecer n.977/65.
- CAMPOS, M. M., FÁVERO, M. A Pesquisa em educação no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, n.88, p.5-17, fev. 1994.
- GATTI, B. A. Formar professores ou pesquisadores no mestrado em educação? *Boletim Anped*, v.9, n.1, p.31-4, jan.-mar. 1987.
- GIOIA, P. S. *A Formação do pesquisador em educação: análise de uma proposta de mestrado sob a ótica de seus docentes e alunos*. São Paulo, 1996. Dissert. (mestr.), Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação/ PUC-SP
- GRZYBOWSKI, C. Formar pesquisadores pesquisando: alguns desafios para a pós-graduação em educação. *Boletim Anped*, v.9, n.1, p.34-8, jan.-mar. 1987.
- LUNA, S. V. *Análise de dificuldades na elaboração de teses e de dissertações a partir da identificação de prováveis contingências que controlam essa atividade*. São Paulo, 1983. Tese (dout.) Instituto de Psicologia Experimental da USP
- MAHONEY, A. A. et al. *O Programa de Psicologia da Educação da PUC-SP em foco: avaliando um momento de mudança*. São Paulo: PED/PUSSP, 1995. [Relatório de Pesquisa.]
- WARDE, M. J. O Papel da pesquisa na pós-graduação em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n.73, p.67-75, 1990.
- _____. Pesquisa em educação: entre o Estado e a ciência. In: HOUAISS, A. et al. *Universidade e Educação*. São Paulo: CEDES; ANPED; ANDE; PAPIRUS, 1992.